Acorda e Escuta Londrina: a experiência da revista radiofônica produzida pelos deficientes visuais do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos[1]

Aline Andréa Zamboni[2]
Universidade Norte do Paraná

Patricia Zanin Heitzmann[3]
Universidade Norte do Paraná

Resumo

Os meios de comunicação deixam de contemplar uma parcela expressiva da sociedade, transformando analfabetos, deficientes visuais e auditivos em "excluídos da mídia". Apesar de limitadas, existem experiências de mídia voltadas a esse público. Este artigo recupera alguns projetos de comunicação específicos para deficientes visuais. E além disso, compartilha a experiência da revista radiofônica "Acorda e Escuta Londrina", produzida por alunos do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos (ILITC). Trata-se de um projeto que busca reduzir a exclusão a que são submetidos os deficientes visuais, além de estimular a prática comunicativa e o diálogo com a sociedade.

Palavras-chave

Radiojornalismo; Revista Radiofônica; Jornalismo Comunitário; Diálogo com a sociedade.

Uma parcela expressiva da sociedade é privada do acesso aos meios de comunicação. Deficientes visuais e auditivos, além dos analfabetos, ajudam a engrossar as estatísticas do que podemos classificar de "excluídos da mídia". E o que ocorre, de forma geral, é que a população acaba se adaptando aos veículos de comunicação e não o contrário. As experiências de mídia dirigidas aos deficientes são limitadas, e, na maioria das vezes,

[1] Trabalho apresentado à Sessão de Temas Livres
[2] Aline Andréa Zamboni é jornalista formada pela Unopar (Universidade Norte do Paraná) alinezamboni@ig.com.br
[3] Patricia Zanin Heitzmann é professora de Radiojornalismo da Unopar (Universidade Norte do Paraná) e jornalista da Rádio Universidade FM (emissora educativa da Universidade Estadual de Londrina) patricia_zanin@uol.com.br

realizadas de forma isolada. Mas elas existem e devem ser compartilhadas para revelar possibilidades, além de dificuldades, desacertos e outras formas possíveis de experimentar.

Este artigo relata a produção da revista radiofônica "Acorda e Escuta Londrina", produzida por alunos do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos (ILITC), de Londrina (PR) em 2004 e recupera alguns projetos de comunicação voltados especificamente aos deficientes visuais. As propostas buscam reduzir a exclusão a que são submetidos os cegos e servem de estímulo à prática comunicativa, além de estimular o estabelecimento de um diálogo com a sociedade.

Esse diálogo dos cegos com a população brasileira, aliás, poderia até ser mais intenso se considerarmos que o País foi o primeiro da América do Sul a ter uma escola para deficientes visuais, em 1854. "Por feliz coincidência, Álvares de Azevedo, cego, de pais comerciantes ricos, chegava de Paris instruído, e veio encontrar no Brasil Adélia Sigaud, cega, filha de Francisco Xavier – médico do Imperador" (VEIGA, 1983, p. 37). Logo chegou ao Imperador a notícia que o recém-chegado jovem cego sabia ler com os dedos. Por ordem do ministro do Império, uma casa foi alugada para abrigar o primeiro Instituto de Cegos do Brasil, no Rio de Janeiro.

A inauguração do Instituto foi no dia 25 de março, mesma data do lançamento da iluminação a gás na cidade. "Eram luzes para os olhos dos cariocas e a luz para o espírito dos cegos brasileiros inaugurados num só dia" (VEIGA, 1983, p. 38). Mas José Álvares de Azevedo[4], morreu uma semana antes da inauguração do instituto.

Da época do Império até os nossos dias, o número de institutos para atender deficientes visuais cresceu. Não há registros exatos sobre a quantidade de escolas para cegos no Brasil. O número de deficientes visuais também é conflituoso. O IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) contabiliza que 10% da população brasileira têm deficiência visual (IBGE, 2003). Já a Organização Mundial de Saúde estima que 10% da população têm alguma deficiência, desse total 2% são deficientes visuais.

Apesar dos dados divergentes, pessoas pulsam atrás dos números. Muitas delas têm poucas oportunidades de trocar experiências. Os institutos de atendimento aos cegos são uma possibilidade do compartilhamento de vivências. Muitos prestam um serviço de

[4] José Alvares de Azevedo não é o escritor romancista. Embora tenham os dois vivido na mesma época no Rio de Janeiro, o romancista, autor de "A lira dos vinte anos" se chamava Manuel Antonio Álvares de Azevedo nasceu e morreu em São Paulo, embora tenha passado vários anos de sua vida no Rio.

promover a autonomia do deficiente, além de estimular a cidadania nos alunos. “Porque a pessoa que é portadora de deficiência não se julga digna de alguns direitos e outras vezes não se julga com deveres de cidadania. Tem que trabalhar isso porque ela é igual a todas as outras”(ZAMBONI, 2004, p. 26). O argumento é da diretora do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos, Edna Rangel. A entidade foi criada em 1979 e, embora tenha esse nome, não atende somente os clinicamente cegos; abrange todos os portadores de deficiência visual. O principal objetivo do ILITC é o de promover a autonomia do deficiente para que ele não precise ser dependente da família. O instituto atende cerca de 120 alunos. O número não é fixo porque a entidade recebe estudantes durante todo o ano.

Londrina conta também com outra escola para cegos, a Adevilorc (Associação dos Deficientes Visuais de Londrina, Rolândia e Cambé). As duas instituições atendem cerca de 300 alunos. No Paraná existem outros 15 institutos para cegos, distribuídos em várias regiões do Estado.

O objetivo inicial do projeto no ILITC – um trabalho de conclusão de curso realizado no primeiro semestre de 2004 – era verificar, por meio de uma pesquisa no instituto, se o rádio seria o principal meio de informação e entretenimento para o deficiente visual. Depois o projeto evoluiu para a produção comunitária de um programa de rádio realizado pelos próprios deficientes. Todas as etapas do projeto contaram com a colaboração da direção do instituto, dos professores e, principalmente, dos alunos.

Tanto a pesquisa quanto a produção da revista radiofônica partiram do pressuposto de que entre as características do rádio, uma das mais significativas é a sensorialidade:

> O rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um (ORTRIWANO, 1985, p. 80).

O rádio trabalha com sons e com a palavra falada, ingredientes fortes o bastante para fazer de cada ouvinte um construtor individualizado de imagens. Sem apresentar qualquer aparato visual, o rádio vai mexer com a imaginação, com a realidade de seu receptor, tornando o ouvinte uma espécie de co-autor do que vai ao ar. “O rádio afeta as pessoas, digamos, como que pessoalmente, oferecendo um mundo de comunicação não expressa entre o escritor-locutor e o ouvinte” (MCLUHAN, 1964, p. 100).

Eduardo Meditsch (2001) estabeleceu uma espécie de diálogo com o pesquisador canadense Marshal McLuhan sobre esse "mundo de comunicação não expressa entre locutor e ouvinte":

> O rádio oferece proximidade e intimidade, portanto, verossimilhança. Credibilidade. Dez pessoas podem ouvir juntas uma mensagem radiofônica, mas ela será aprendida individualmente, como manifestação pessoal. Experiência privada num meio de comunicação de massa. Essa é uma das vantagens intrínsecas, razão pela qual McLuhan considera o rádio como um meio 'quente', ao contrário da tevê que, para ele, é 'fria'. Ainda não estavam popularizados os conceitos de *real* e *virtual*, mas o estudioso canadense já ponderava que a apresentação de uma imagem minimiza o uso da imaginação, a realidade não aciona fantasias (MEDITSCH, 2001, p. 11).

Para permitir um diálogo entre cegos e videntes, incentivar os deficientes a não serem apenas receptores, mas, principalmente produtores da informação e propor um estímulo ao exercício da imaginação houve a proposta de mobilizar os deficientes visuais para produzir um programa. Ele foi pensado para envolver os cegos desde a elaboração da pauta até a realização das entrevistas e pré-edição do material dentro do interesse e convívio deles.

O enfoque inicial do trabalho – uma pesquisa para compreender o envolvimento dos deficientes visuais com as mídias, baseada no trabalho já realizado em Curitiba por Elisângela Ribas Godoy (2003) – passou a ser o programa de rádio.

Os temas escolhidos pelos dez participantes do projeto foram diversificados, envolvendo assuntos das áreas da saúde, cultura, música, esportes e também relacionados ao cotidiano dos cegos como informática e teatro para deficientes visuais, além de dicas de como os videntes devem se comportar com os não videntes.

Os deficientes visuais não queriam produzir um programa voltado especialmente para eles mesmos, mas ao final do trabalho 80% do programa direta ou indiretamente está ligado ao cotidiano dos cegos. Optou-se por uma revista radiofônica porque esse gênero possibilita reunir, num só programa, vários temas e não precisa, necessariamente ter uma periodicidade. André Barbosa Filho classifica a revista radiofônica como um programa de variedades ou também miscelâneas, "pela multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam em seus roteiros" (BARBOSA FILHO, 2003, p. 139).

Já Kaplun considera que os programas de variedades não são fáceis de definir, "(...) dado que precisamente sua característica é a variedade de seções. Geralmente, a presença de um animador (ou de uma dupla de apresentadores) é o que dá o caráter e assegura a unidade do programa(...)" (KAPLUN apud BARBOSA FILHO, 2003, p. 139).

A mídia para os cegos

As experiências de mídia para os cegos são limitadas no Brasil. Porém uma delas foi um projeto de jornal em Braille nascido em 1987, na PUC de Campinas (SP), mas por dificuldades financeiras o jornal "Conhecer", não passou da quinta edição. O mesmo projeto foi apresentado à Rede Anhanguera no ano de 2000. A intenção inicial era de 100 exemplares que circulariam em Campinas e mais 20 cidades da região. A repercussão foi tão grande na época que já na primeira edição, o "Diário do Povo Braille" passou para 200 exemplares. Nas edições seguintes aumentou para 500 exemplares espalhados pelo Brasil, Portugal e Espanha. As entidades de deficientes visuais cadastradas recebem o jornal gratuitamente.

A Internet é comprovadamente um veículo utilizado pelos deficientes visuais. Isso só foi possível com a adaptação da rede mundial de computadores para esse público, como a disponibilização de sistemas de leitura sonora. Como a Internet é um meio muito amplo, é impossível controlar sua crescente tecnologia. Dessa forma, é difícil dizer quando exatamente esse veículo se adaptou aos deficientes ou qual foi o primeiro site especializado, mas é importante ressaltar que houve uma transformação significativa, muito bem recebida e aprovada pelos deficientes visuais. Mesmo sendo uma novidade até mesmo para os deficientes visuais, há registros na rede da existência de duas revistas impressas em Braille: a Revista Brasileira para Cegos e a Pontinhos, voltada para o público infantil. O Instituto Benjamin Constant é responsável pela edição e distribuição para assinantes, que hoje são de cerca de 2.000 em todo Brasil. O Instituto ainda exporta as revistas para mais 23 países.

A imprensa em Braille do Instituto Benjamin Constant foi pioneira no Brasil e, desde 1863, produz impressos, livros didáticos e técnicos. A partir de 1998 também atende a outras necessidades dos deficientes visuais como a impressão de cardápios, calendários,

documentos de interesse público, até provas e editais. Todas essas informações sobre as experiências de mídia para cegos foram prestadas pelo Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos. (ZAMBONI, 2004, p. 46).

Já no ramo da fotografia, Londrina (PR) foi palco de uma exposição diferente em 2002. O Museu de Arte de Londrina recebeu 62 imagens de 13 alunos com deficiência visual do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos. O projeto "Expressão Fotográfica e os cegos" teve início em janeiro de 2002, coordenado pela fotógrafa e professora da Universidade Estadual de Londrina, Fernanda Magalhães e pela jornalista e professora Karen Debértolis.

A exposição contou ainda com a presença do fotógrafo, poeta e artista francês Evgen Bavcar. Deficiente visual com quase 60 anos de vida, ele é reconhecido mundialmente por vários livros publicados e exposições que já correram os continentes. A exposição em Londrina teve workshop, mesa redonda, ciclo de vídeo e lançamento de livros. O fotógrafo cego revelou à revista Coyote (2003) que sofre com preconceito na Europa e acredita que o cego tem que ter sua própria autonomia, como cozinhar, se vestir e trabalhar. Para Bavcar, "as famílias dos cegos são as mais culpabilizadas do que os próprios cegos"(COYOTE, 2003, p. 29). A maioria dos pais priva seus filhos deficientes; na intenção de protegê-los acabam tornando-os incapazes de viverem sozinhos e se tornarem autônomos, alertou Bavcar.

Em Londrina, a produção da revista radiofônica "Acorda e Escuta Londrina" tentou trazer subsídios práticos de que é possível reverter tal situação de exclusão. Outro objetivo da proposta foi incentivar os alunos do Instituto Londrinense de Instrução e Trabalho para Cegos para o uso do rádio como um meio de comunicação para compartilhar experiências e até mesmo profissional, já que grande parte dos deficientes visuais quer prosseguir nos estudos e tentar fazer uma faculdade.

O curso de Jornalismo, embora seja essencialmente visual, por mexer com televisão e impresso, não é uma escolha impossível. Márcio de Oliveira Guerra (2000) relatou seu encontro com dois cegos atuantes no rádio mineiro e cearense:

> Como fascinante foi descobrirmos, em Belo Horizonte, um estudante de jornalismo, cego, 22 anos, comentarista de uma emissora de rádio comunitária. Mais do que inusitado, aos olhos dos outros, Danilo Gomes mostra que é possível entender,

> analisar e discutir o futebol sem necessariamente ver com os olhos, mas sim com a imaginação. No Ceará, Paulo Rodrigues de Souza, outro cego, faz plantão esportivo. Ouve três rádios ao mesmo tempo e memoriza todos os resultados e classificações (GUERRA, 2000, p. 12).

Desta maneira, o projeto em Londrina foi buscar na prática a idealização de um trabalho que atendesse às necessidades e aos gostos de um público que não é visado, mas que busca uma identidade nos meios de comunicação de massa. Desta forma a autora achou por bem não excluir os deficientes visuais com visão reduzida[5]. A intenção foi incluí-los e não excluí-los novamente, já que o ILITC, onde a pesquisa foi realizada, atende os dois públicos.

Procurou-se fazer um projeto simples para que os alunos que participaram da pesquisa pudessem, com pouca instrução de radiojornalismo, executar as pautas, entrevistas e pré-edição do programa, sob a supervisão e orientação de Zamboni (2004). Buscou-se, porém, fazer a menor interferência possível na produção dos estudantes, para que eles pudessem garantir sua autonomia.

Essa autonomia é de extrema importância, no sentido de abrir possibilidades e tirar o mito que existe em torno dos veículos de comunicação. Os estudantes do instituto puderam participar de praticamente todas as etapas do programa, transformando o projeto em um trabalho comunitário, já que, jornalismo comunitário não é somente aplicado a agremiações pobres, mas também a grupos com afinidades em comum. Cecília Peruzzo explica como pode se dar a participação comunitária no caso de programas de rádio:

> Participação ao nível da produção de programas, de boletins informativos, etc.: compreende a participação no processo de planejamento (definição da política, dos objetivos, estrutura do programa, conteúdo, duração, horário, etc.), de produção (redação, montagem, locução, etc.) e edição (seleção, cortes, complementos, etc.). Implica acesso a conhecimento e recursos técnicos e partilha na tomada de decisão (PERUZZO apud UMANSANO, 2004, p. 52).

Os deficientes só não participaram das etapas que foram concluídas dentro do Laboratório de Radiojornalismo da Unopar (Universidade Norte do Paraná) como a

---

[5] Deficiente visual não é só a pessoa que teve a perda da visão de ambos os olhos. A visão subnormal ou reduzida significa que a pessoa enxerga entre 6/20 e 6/60 no melhor olho, após correção máxima, ou seja, só pode ver na distância de seis metros o que alguém com visão normal enxergaria a 20 e 60 metros, respectivamente. Já a pessoa considerada cega tem "a perda da visão em ambos olhos, de menos que 0,1 (10%) no olho melhor e após correção, ou um campo visual não excedente de 20 graus, no maior meridiano do melhor olho, mesmo com uso de lentes para correção"(PARPINELLI, 1997, 30).

edição final das falas, além do fechamento do programa, com inserção das vinhetas de abertura, encerramento e edição das chamadas. Essa opção foi feita não pensando em excluí-los, porque essas etapas foram devidamente explicadas aos participantes, mas em função do tempo hábil do trabalho, já que as matérias demoraram a ficar prontas e o programa tinha data para ser concluído e entregue. A escolha se deu por decisão da autora e de sua orientadora do trabalho de conclusão de curso, Patricia Zanin Heitzmann. E também porque seria necessária uma orientação mais profunda sobre o processo de edição, além do uso dos softwares utilizados pelo técnico responsável pela edição de áudio de todo o programa, Edivaldo Motta. Esse processo demandaria ensinar a manusear os programas de computador e a técnica de edição comportaria uma oficina específica, o que levaria mais tempo.

Por que fazer uma revista?

A decisão de produzir uma revista radiofônica foi tomada pelos próprios deficientes visuais, que antes de definirem a proposta responderam um questionário sobre a relação deles com os veículos de comunicação. Dos 120 alunos do ILITC, 18 responderam as perguntas. O rádio é o veículo mais utilizado pelos cegos: 14 disseram que costumam se informar e buscar entretenimento por meio dele. Desse total, 13 pessoas assumem que ouvem rádio todos os dias da semana, inclusive aos finais de semana, e 12 consideram satisfatória a forma de transmissão das notícias. Onze pessoas precisam da ajuda de alguém para se informarem melhor, como, por exemplo, lerem jornais, revistas ou explicarem uma imagem na televisão.

A quantidade de horas expostas ao rádio varia de ouvinte para ouvinte. Enquanto existem pessoas que escutam rádio uma hora por dia, outras chegam a ouvir 15 horas por dia. É o caso de Joaquim Cláudio de Nascimento, 57 anos. “Eu perco o tempo ouvindo rádio, tem vezes que eu fico o dia inteiro sem sair só ouvindo rádio para não perder nenhuma programação” (ZAMBONI, 2004, p. 33). A estudante Luzia Tatiane Pereira de Quadros, 18 anos, dorme ouvindo rádio. “A gente não consegue dormir sem ouvir rádio, a família inteira” (ZAMBONI, 2004, p. 33).

Quando questionados sobre o que mudariam no rádio, seis entrevistados aboliriam o sensacionalismo nas reportagens policiais. Essas pessoas consideram que as matérias trazem muitos detalhes desnecessários e até um aumento na maneira de expor as idéias sobre o assunto. Renata Hazi, de 22 anos, declara que "a gente não tá vendo, mas a gente imagina o que está passando lá, muito sangue, muita morte. Ai não, não gosto disso" (ZAMBONI, 2004, p. 33). Já para Flávio Cordeiro da Silva, 43 anos, as matérias de rádio "têm que trazer a notícia, o acontecimento exato, o que aconteceu, porque muitas vezes nos noticiários acontece uma coisinha assim, o repórter aumenta a coisa" (ZAMBONI, 2004, p. 33).

Outra revelação do questionário foi quando os deficientes puderam dizer que tipos de programa gostariam de fazer dentro do rádio. A maioria respondeu que se imaginava fazendo um programa com assuntos diversos. Foi o que aconteceu: a elaboração do programa de rádio que contemplasse temas variados, principalmente em forma de entrevistas de prestação de serviços em saúde, cultura, música, esportes e também relacionados ao cotidiano dos cegos.

A preocupação com a temporalidade das notícias que fariam parte do programa foi um detalhe importante. Os alunos tinham consciência de que se as matérias fossem factuais teriam um tempo específico para veiculação. A opção então foi fazer um programa com matérias relevantes, porém frias, para que houvesse maior possibilidade de exibição da revista nas rádios de Londrina. Depois do projeto concluído, ele foi veiculado total e parcialmente em cinco emissoras do município. Na maioria das apresentações, os deficientes visuais foram ao vivo nos programas de rádio para contar a experiência junto com Aline Zamboni.

A revista "Acorda e Escuta Londrina" foi exibida inclusive em programas cujos comunicadores são os mais ouvidos entre os cegos que responderam a pesquisa. Os três mais "votados" pelos deficientes visuais foram Carlos Camargo, José Makiolke, o Zezão, e Alcyr Ramos, respectivamente. Eles atuam na Rádio Paiquerê AM (1110 KHz) e foram entrevistados posteriormente para saber se tinham noção da audiência entre os não videntes.

Camargo, que trabalha com jornalismo policial em rádio há quase 20 anos e agora tem também experiência na TV, se disse surpreso com a notícia de ser um dos mais ouvidos. O radialista confessa que nunca alterou nenhum quadro do programa na TV para

facilitar o entendimento dos deficientes, não por falta de vontade, mas por falta de saber como mudar:

> Às vezes você faz um programa, mas você não tem condições de pensar em todas as pessoas que estão do seu lado. Às vezes a pessoa tem a deficiência auditiva, só consegue enxergar na televisão aquilo que você passa. Às vezes a pessoa tem a deficiência visual, mas ouve muito bem. Às vezes a pessoa não consegue falar, mas têm os outros sentidos. Então você não tem condição de direcionar se você não tiver informações das necessidades dessas pessoas (ZAMBONI, 2004, p. 35).

José Maria Makiolke, o Zezão, é o segundo radialista mais ouvido pelos deficientes visuais. Homem grande e alto, com uma voz grossa e doce, ele trabalha em rádio há 40 anos. Faz programa de variedades e tem um carisma enorme com o público ouvinte. Ex-ator de radionovela, Zezão sabe o quanto é importante descrever as imagens pelo rádio:

> Então essa experiência primeira (radionovela) me deu esta visão de que o rádio você tem que excitar a imaginação das pessoas, né? E aí eu comecei a aprender, quando eu faço programa de rádio, sempre procuro passar alguns detalhes para que as pessoas, através da minha voz, consigam imaginar além daquilo que eu estou falando. Então as pessoas enxergando ou não já têm essa possibilidade, eu sempre tive essa preocupação. E aí eu comecei a observar essa preocupação de levar imagem através da voz, contar uma imagem (ZAMBONI, 2004, p. 36).

Por esse contato intenso com seus ouvintes, Zezão afirma que não ficou surpreso em saber que é ouvido pelos deficientes visuais. O comunicador já fez um trabalho no Instituto dos Cegos, onde a pesquisa foi aplicada. Ele doou mais de mil fitas cassetes ao instituto e gravou trechos de livros. Depois desse contato com o instituto, Zezão afirma que mudou seu conceito do que é ter visão:

> Com eles eu aprendi que você pode enxergar mesmo não tendo visão. Então você enxerga os sentimentos das pessoas, você enxerga certas situações pelo tom da voz. Então é o desafio do dia a dia que me emociona, que me toca e faz sentir que o ser humano ele pode realmente dar uma lição de vida para o seu semelhante. A gente não chora tanto, não fica choramingando por causa de alguns problemas da vida, quando desafios maiores existem, então por este exemplo de luta de coragem e até de necessidade porque ele não tem escolha, eu ainda tenho a escolha, eu a noite posso brincar de ficar ceguinho, entendeu. Eu posso fechar os olhos, dali a pouco cansei, acendo a luz e abro os olhos. E quem não pode fazer isso nunca, jamais? Então meu carinho, o meu respeito, a mensagem de estima que não é porque uma visão ou a falta da fala ou a falta de um membro, faz de você menos gente (ZAMBONI, 2004, p. 37).

O terceiro radialista mais ouvido pelos deficientes visuais é Alcyr Ramos, que trabalha com programas de variedades e esportes em rádio AM e FM.

Ampliar o diálogo

Acreditamos que compartilhar com os comunicadores o resultado da pesquisa e, posteriormente, o programa de rádio, atingindo o público ouvinte das emissoras onde a revista foi mostrada, trouxe oportunidade para ampliar o diálogo dos deficientes visuais com a comunidade. Segundo a diretora do ILITC, Edna Rangel,

> Infelizmente a sociedade trata os deficientes visuais como se eles tivessem com outras deficiências também, como falar muito alto com eles, como se não enxergar também fosse sinônimo de não escutar ou de não compreender, perguntar para o acompanhante o que ele quer, em vez de perguntar diretamente para ele. Essa postura social em relação à pessoa portadora de deficiência desenvolve nela uma baixa auto-estima e uma sensação de incapacidade e quando ela cresce se sentindo incapaz, ela não busca nada lá fora do instituto (ZAMBONI, 2004, p. 28).

E como o objetivo desse projeto foi despertar nos deficientes visuais a autonomia, acreditamos que esse foi um passo possível, desde o início do trabalho. Para a definir a produção do programa de rádio, foram necessárias duas reuniões. A primeira decidiu os participantes, o tema e o tempo do programa, além dos assuntos. A reunião seguinte decidiria a data das próximas reuniões. Este encontro também foi marcado pela experiência dos deficientes em conhecer o gravador que eles utilizariam nas gravações das matérias. Cada aluno pôde fazer gravações-teste, ouvir a própria voz e se familiarizar com o equipamento. Nesta reunião ficou determinado que todas as terças-feiras, a partir das 14 horas, o grupo se reuniria para discutir o andamento das matérias, do programa e, eventualmente, tirar alguma dúvida. Nas reuniões também foi definido o nome da revista. O título foi modificado várias vezes: “Enxerga Londrina”, “Acorda Londrina”, “Bengala Brasil”, “Fala Londrina”, “Nossa Opinião”, “Por Aí”. Depois de quase um mês de discussão, o nome escolhido pela maioria dos participantes foi “Acorda e Escuta Londrina”.

Os produtores foram estimulados a definir as pautas, fizeram as entrevistas e sugeriram coletivamente os trechos das entrevistas para edição. Procurou-se também respeitar a subjetividade de cada um ao garantir que as matérias tratassem de temas de acordo com o desejo dos participantes. Cada um escolheu o assunto sobre o qual faria a

entrevista. A autora apenas auxiliava no enfoque das matérias e sugestões de perguntas. O processo de discussão sobre os assuntos levou em média um mês. O programa foi separado nos seguintes temas: esporte, música, saúde, dicas de como lidar com cegos e teatro – a maioria dos assuntos foi tratada em forma de entrevistas, com algumas inserções de música quando havia possibilidade de adequar o conteúdo à forma.

Só houve participação mais efetiva da supervisora do projeto na produção da reportagem de esporte. Por ser mais elaborada e envolver pelo menos quatro fontes, Zamboni marcou as entrevistas e acompanhou os repórteres que cobriram um jogo de basquete no Ginásio Moringão. Eles estiveram no ginásio em outras duas ocasiões para entrevistar o técnico e um jogador. As demais matérias foram marcadas pelos próprios alunos, com a escolha de seus entrevistados. A fase de execução das entrevistas durou 12 dias.

O tempo e a definição dos blocos do programa foram pré-determinados pela autora com colaboração dos participantes do projeto. O programa tinha o objetivo inicial de atingir 20 minutos. Mas o bom volume de produção de entrevistas e matérias acabou estendendo-o para quase meia hora. As editorias foram separadas pelo som de um galo, presente em um relógio muito utilizado pelos deficientes visuais.

A revista foi produzida por Paulo Henrique Lombardi, Blendon Thomaz Ribeiro, Tatiane Cruz Malassise (que também faz a locução da revista), Renata Massumi Hazi, Flávio Cordeiro da Silva, Rodrigo da Silva Marin e Devair de Souza (que também faz a locução). "Acorda e Escuta Londrina" teve a duração de 29 minutos e 54 segundos.

O programa pronto – o que eles acharam

Na tarde do dia 25 de maio de 2004, uma terça feira chuvosa e fria, o programa completo foi apresentado no Instituto dos Cegos. Quatro participantes da revista radiofônica estavam presentes: Tatiane, Renata, Blendon e Flávio. A professora Shirley Sambatti e o estudante Anderson dos Santos também ouviram o programa. O resultado agradou. Acostumados a prestarem muita atenção naquilo que ouvem, a felicidade do projeto realizado não dispensou a auto-crítica. Alguns detalhes de finalização não

escaparam da percepção dos deficientes como, por exemplo, a distorção da voz de um dos entrevistados (que foi corrigida a tempo por causa da escuta atenta dos deficientes visuais).

Outro motivo de contentamento foi o retorno do projeto ao instituto e a posterior veiculação da revista em rádios comerciais e educativas de Londrina. O projeto mostrou que é possível reduzir o mistério que envolve a produção jornalística e, mais que isso, incentivar grupos e setores a contar sua história. Para os cegos, o rádio representa um importante aliado e o programa comunitário trouxe uma perspectiva de compartilhamento de suas experiências com o público.

A veiculação pública da revista permitiu que as dificuldades e desafios enfrentados por parte dos deficientes visuais fossem trazidos à tona. A seção "Cotidiano dos Cegos" trouxe orientações simples, mas eficientes de como os videntes devem tratar os não videntes. Foi possível responder a perguntas básicas envolvendo auxílio a cegos para atravessar as ruas e necessidade de referências espaciais diferentes para os cegos, por exemplo. Alguns dos deficientes que produziram a revista também tiveram a chance de contar, ao vivo nas rádios, sua experiência de fazer o programa e de como lidam com a cegueira no cotidiano. A realização da revista radiofônica permitiu ainda que a autora do trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social – Jornalismo experimentasse sua primeira experiência profissional depois de formada em uma emissora de rádio.

Referências bibliográficas

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

COYOTE. Londrina: **Coyote Edições**. N. 6, 2003.

GODOY, Elisângela Ribas. **Rádio: um companheiro do cego**. Artigo apresentado Núcleo de Mídia Sonora no XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação (Intercom), Belo Horizonte: MG, 2003.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Análise da narrativa radiofônica e sua influência no imaginário do torcedor.** Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2000.

KAPLUN, Mario. **Producción de programas de radio el guión - la realización.** Ediciones Ciespal: Quito, 1978.

MANSANO, Fábio Augusto. **Para uma leitura crítica das rádios comunitárias**. 2004. 343 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Jornalismo) – Universidade Estadual de Londrina.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem** São Paulo: Cultrix, 1993.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação.** Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

ORTRIWANO, Gisela S. **A informação no rádio**. Os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**.** São Paulo: Summus, 1985. p. 52.

PARPINELLI, Emilia Passos. **Deficiências: Família e Prevenção**. Londrina: Grafman, 1997.

VEIGA, J. Espínola. **O que é ser cego**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1983.

ZAMBONI, Aline Andréa. **Acorda e Escuta Londrina: a experiência da revista radiofônica produzida pelos deficientes visuais do ILITC**. 2004. 105p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação – Jornalismo) – Universidade Norte do Paraná – Londrina.

——————-. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – seção deficientes. Disponível em http:www.ibge.gov.br Acesso em 22 nov. 2003.